

MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA: um átimo da vida de Danila Correia Benitez



Eliete Borges Lopes

Pós doutoranda 2021-2022 – UNILA. Doutora em educação (2015- 2016). Mestre em educação (2009- 2011). Graduação em Educação PEDAGOGIA (2000-2004) pela UFMT.

teseeliete@gmail.com

Endereço este escrito à memória de Danila Correia Benitez, Andréia (Cheirosa) e a todos(as) aqueles(as) que sofrem nas ruas e levam a vida sem ter onde abrigar-se. Meu sentir em relação às mulheres em situação de rua como uma preocupação quanto à violência sistêmica empenhada contra o corpo feminino na cultura brasileira. Assim, sem querer explorar a dor e o desespero de Danila e de todas as moradoras em situação de rua no Brasil, me coloco como mulher em função das memórias dessas mulheres e de suas vidas no contexto das ruas.

Vou tratar das questões de gênero e violência como forma de circunscrever um átimo da vida de Danila Correia Benitez e a cultura de violência que circunda todas nós como mulheres e principalmente a vida das mulheres em situação de rua a vulnerabilidade relativa ao gênero se complexifica no quando da falta de moradia.

No trabalho com a população em situação de rua testemunhei muitas ocorrências de violências de todo tipo. Violências perpetradas contra as mulheres em específico. O caso da situação de rua é dos mais graves pois estas adveem tanto de homens na mesma condição, quanto de mulheres que não estão em condições de rua, quanto de de homens em geral (que não estão em condição de rua) e principalmente de homens em condição de policiais e seguranças em geral, seguranças particulares de lojistas e comerciantes.

As minúcias desse tipo de comentário para a análise da condição das mulheres em situação de rua serve para demonstrar justamente o quanto o mundo feminino no caso da condição da situação de rua, se apresenta ainda mais problemático do que a condição de rua dos homens. Menciono ainda que hoje já existem pesquisas sobre o abrigo temporário em albergues e geralmente o dado é o de que a porcentagem da presença feminina durante a noite nos estabelecimentos se dá em função do medo e risco de morte durante a noite.

Não é intenção deste trabalho dizer quem sofre mais ou menos ou transformar a análise numa escala. A ideia é problematizar um fenômeno misógino entranhado no seio da cultura brasileira. O que a pesquisa demonstra é que por serem ainda mais vulneráveis que as mulheres que possuem empregos fixo e residência, as mulheres em situação de rua enfrentam uma condição adversa e de hostilidade na produção de sua subjetividade.

Danila, mulher moradora em situação de rua que suicidou frente à descoberta de que possuía uma série de doenças. Abriu o próprio ventre com uma tesoura; Cheirosa, mulher moradora de rua que morreu de mal súbito dentro de um supermercado na mesma localidade onde morreu Danila. A descrição de sua trajetória está na tese de doutoramento intitulada: **A vida no front: arte-fatos e afetos de uma comunidade em situação de rua** (Lopes, 2016) Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/1877>; Maria, mulher moradora de rua que mora com seus dois filhos e vive de guardar carros com restos de papelão de uma loja no Bairro Boa Esperança, bairro da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso; Samara, mulher moradora de rua, amiga que dividia a vida com Danila; Ingrid, mulher moradora de rua também amiga de Danila. Ambas velaram a amiga Danila entre lamentos e fumaça de crack. Ainda vivem no Beco do Candeeiro; Tereza, mulher moradora de rua, que com perna amputada vive no morro da luz. Foi presa por tráfico e solta pelo estatuto do idoso.

Para nos determos na história de Danila, contextualizo sua vida e morte. Todas as imagens são da Fotógrafa Emanule Daiane. Que esteve presente em diversas ocasiões fotografando o movimento dos Moradores em Situação de Rua na Ilha do Bananal e no Centro Histórico de Cuiabá. Danila esteve presente num evento organizado pelo Movimento Negro junto a entidades como a Pastoral, um grupo de percussão e agentes de assistência social. Foi fotografada em todo o seu esplendor por Emanoele Daiane, que capturou o movimento de extase e de entrega de Danila à roda de samba.

No dia em que Danila faleceu, Joice e In-

grid organizaram um funk, pois dançar faz parte da dimensão de vida dessas mulheres em situação de rua. Todas elas moram no mesmo lugar: as ruas do centro da Cidade de Cuiabá, com exceção de Maria que mora no Boa Esperança – Região do Coxipó, relativamente distante do centro. As discriminações em torno do gênero feminino repetem-se quase que infinitamente, e os costumes provocam uma espécie de naturalização e banalização daquilo que em suma se deveria questionar parte a parte, prática a prática, conceito a conceito.

Essa naturalização chamamos de cultura misógina e por isso dizemos que no Brasil este tipo de cultura está inclusive acima da lei e da legalidade. As mulheres são como diz Agambem, matáveis. As mulheres em situação de rua ainda mais matáveis. A maneira como atuam os agentes anti-pedagógicos como: mídias, políticas e agenciamentos em torno do poder, costumes e moralidades imorais, trazem à tona não apenas os preconceitos nos níveis de discursos, mas também ações endossados pelo discurso misógino.

Essas culturas de normatização da vida matável produzem a cultura do “primeiro assassinato free”. Isso tem se mostrado como completamente absurdo e normalizado, tanto que Mato Grosso tem liderado os crimes de feminicídios e violência contra crianças do sexo feminino sem que isso seja problematizado do ponto de vista do questionamento quanto a forma de ação de governos e do Estado.

O Brasil tem liderado rankings internacionais de violência contra as mulheres e o Mato Grosso de igual maneira lidera em terceiro lugar o ranking nacional de violên-

A mulher brasileira além de ganhar menos que os homens, desempenha dupla ou tripla jornada de trabalho e sofre com o machismo e a misoginia...

cia contra as mulheres e de feminicídio. A mulher brasileira além de ganhar menos que os homens, desempenha dupla ou tripla jornada de trabalho e sofre com o machismo e a misoginia que a transforma em vítima de um sistema de desigualdades que ela pode inclusive reproduzir se não for bem instruída. Por sua vez, a instrução, a educação para as mulheres é cada vez menos incentivada.

Ainda existem fatores emocionais, socioeconômicos e culturais que tendem a deixar as mulheres em condições de submissão, ora por aspectos subjetivos, ora por aspectos financeiros de manutenção de sua própria vida e/ou de sua prole. É certo que os tipos de violências são muitos, e quando se cruzam diferentes aspectos da vida social na figura de uma única mulher os sofrimentos e opressões tendem a ser de vários âmbitos de maneira que a mulher brasileira pode estar marcada tanto pelo gênero, quanto pela cor, classe social, lugar geográfico, biotipo esexualidade, acrescentando-se a isso o fato de ela não possuir moradia e teremos uma pessoa carregada de um fardo social absolutamente direcionado a ser uma vítima potencial.

Assim é que são criadas as histórias de

vida de muitas mulheres marcadas por violências, humilhações públicas, agressões psicológicas e físicas e assassinatos, por discursos que as colocam como passíveis de serem assassinadas, violentadas ou aprisionadas. As mulheres em situação de rua estão na linha de frente desse front montado pelo sistema capitalista, pois, além de historicamente submetidas à misoginia, enfrentam uma geopolítica excludente que as transforma em espetáculos para a crueldade e a perversão. Lembremos aqui o épico de Lars Vontrier em Tess, para termos uma dimensão do panorama histórico, e não é só essa produção, existem muitas abordagens como: **O Processo de Joana D’Arc**, entre outros filmes e filmografias relativas a gênero feminino.

Neste sentido me importa uma questão: O que configura essa multiplicidade que é a mulher sob tais condições. Ainda que as mulheres tenham acesso à justiça, esta possui a marca masculina, pois incorpora seja em seu texto seja na figura legisladora de seus representantes a presença masculina e essa presença masculina é justamente transformada em mais um produto do sistema mundo capitalista a serviço daqueles que podem comprá-lo.



Se por um lado existam diversas frentes de combate à violência contra as mulheres, a auto-organização feminina caminha junto aos ditames do neo-conservadorismo no Brasil. Estes ditames neo-conservadores, machistas e misóginos estão incrustados na cultura e mais, são demasiadamente conhecidos e pouco combatidos, pois se fazem massificar pelas mídias e pelo próprio fazer diário do cotidiano e da política.

As mulheres desassistidas pelas políticas públicas padecem de todos os tipos de males. Se por um lado a cultura patriarcal não favorece nossa vida enquanto valor de vida, por outro, a justiça constituída por homens não nos é favorável. Tornando-nos presas fáceis de todo tipo de dilapidação moral e solapação de nossa identidade, seja através das diversas estratégias de cooptação de nossas ideias e criações, seja através de sutilezas do atravessamento da projeção masculina a partir de nossas trajetórias e nossos nomes próprios, vejamos os inúmeros casos de obras surrupiadas de mulheres pintoras, escultoras, escritoras, artistas e produtoras de conteúdo cultural e artístico.

Isto é, mesmo mulheres em uma certa classe social mais abastada sofreram e sofrem com estratégias misóginas de roubo de suas criações e de políticas de descré-

dito de suas produções. Pensem em como as mulheres em situação de rua sofrem um duplo roubo de suas potências de vida; o roubo social e o roubo cultural, que lhes pesa de forma existencial.

É certo que houveram ganhos em termos de legislação, mas ainda nos temos com costumes que pesam de maneira decisiva, mais até que a justiça, pois se fazem para essas mulheres como sentido de vida. Até porque estão mesmo excluídas do acesso à cultura mais geral. O suicídio de Danila me faz pensar uma vez mais, na condição de muitas mulheres, negras, jovens que gostam de funk que moram nas periferias que desejam criar seus filhos ou simplesmente realizar trajetórias de vida como se formar, trabalhar, ter segurança alimentar, ter moradia e em suma, viver. Viver a vida digna. Como é lícito viver.

Danila era uma dessas mulheres que viviam no centro da cidade como Cheirosa, Ingrid, Samara e Tereza. Todas vivendo sem assistências sociais de tipo algum. Meu contato com Danila foi esporádico, entre um encontro e outro comecei a saber sobre a vida de Danila quando a morte a atravessou. Me restou ajudar a velar seu corpo, escrever, registrar sua imagem e trazer sua memória. De maneira mais ou menos cro-



nológica conto aqui como foi o processo entre conseguir o corpo de Danila e travar a batalha para que ela não fosse enterrada como indigente.

Danila em movimento: celebração da vida e da morte

No dia 19 de Outubro de 2018 fiquei sabendo que Danila tinha morrido. Havia um grupo formado por instituições e sociedade civil que agrega pessoas em torno da assistência e suporte à população em situação de rua em Cuiabá. Esse grupo intitula-se Grupo de Trabalho POP-RUA. Ele foi instituído como Fórum desde 2016. De lá para cá havíamos promovido ações em prol da população em situação de rua. Inclusive no último Fórum POP-RUA Danila participou conosco.

No dia de seu velório, o Professor Luiz Augusto Passos, dedicou um momento a lembrar a vida de Danila um momento veio à tona: o momento em que ela dormia na porta do auditório após o almoço pegando um pouco do frescor do ar condicionado, para depois voltar às atividades no período vespertino, onde pode acompanhar seus companheiros falando junto a pesquisadores e integrantes do movimento nacional em prol da população em situação de rua. Fiz uma fala que ficou registrada pela Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso. Contextualizei o panorama Geopolítico da situação da moradia no mundo a partir do Trabalho de Raquel Rolnik intitulado Guerra dos Lugares.

Do dia 19 de outubro ao dia 24 de outubro o Fórum se mobilizou em busca da família de Danila, recuperar seu corpo do

Instituto Médico Legal para ser velado e preparar um velório na Pastoral de Rua de Cuiabá. A Pastoral teve um papel importante neste momento pois se localiza no Beco do Candeeiro e acolheu pela última vez a menina Danila. A partir deste momento abrimos um grande parêntese para tratar das percepções de minhas percepções enquanto pesquisadora.

O corpo de Danila chega. Até então todos esperavam como que sem acreditar em gestos de esfregar as mãos, andar de um lado para outro, ir e voltar muitas vezes, abanar negativamente a cabeça, olhar silenciosamente para o chão.

O corpo de Danila chega. Rompe-se o silêncio. Passos. Correm as lágrimas. Até então estavam contidas. As mãos não se esfregam mais umas nas outras. Abrem-se gestos solidários. Seguraram o caixão a subir as escadas da Pastoral. Amparam abraços. Enxugam lágrimas. Rompe-se o silêncio e as palavras começam a fazer parte das cenas. Poucas palavras a princípios. Choro, o mur-

Passam pessoas que conheciam Danila, ficam um pouco e não aguentando mais, vão-se embora num misto de incredulidade e desespero.

múrio das memórias compartilhadas. O choro de Ingrid. O mais ruidoso lamento. Ela se debruça sobre o Danila fechada no caixão. Pede para vê-la. Desesperadamente se agarra a uma e outra pessoa pedindo e implorando pra ver Danila pela última vez. A família chora contida.

Passam pessoas que conheciam Danila, ficam um pouco e não aguentando mais, vão-se embora num misto de incredulidade e desespero. Desoladas e indignadas. Seus gestos um a um demonstram a preocupação e o medo, um medo terrível ronda a todos nós ali junto de Danila. Sabemos que somos igualmente suscetíveis. Estamos como ela. Uns mais, outros menos, perto

do mesmo limite. A partir daí o silêncio não tem mais vez. O silêncio é completamente rompido a partir do momento que Danila chega. Primeiramente no choro, nos gritos, nas palavras de desespero de suas amigas e se seguirá nas palavras que Passos profere em nome de Danila. “Se por acaso nosso coração nos censurar em aceitar que Danila possa estar com Deus, lembremos que o coração de Deus é maior que todos nós e que nele não há motivos para censura” foram as palavras do Teólogo e Filósofo professora Augusto Passos.

Foram invocadas as lembranças de cada um dos presentes sobre a vida de Danila. Cada um contou suas lembranças. Sua mãe, ela invocou o dia de seu nascimento da menina Danila. Seus familiares permaneceram durante todo o tempo perto dela. Aos poucos os moradores foram entrando e trazendo coisas de Danila. Uma coberta verde, um ursinho, flores, fotos que os familiares ganharam da equipe Psicanálise na Rua. As fotos foram escolhidas pela mãe e colocadas sobre o caixão de Danila.

As amigas de Danila trouxeram suas coisas para estarem junto dela pela última vez, cobriram o caixão com seu cobertor verde e choraram sua partida. Ingrid inconformada pedia para vê-la. Sua incredulidade era um misto de desespero, dor e revolta. Ingrid com quem tenho amizade me pede para deixar ver a Danila, vou até a mãe de Danila e pergunto se posso prometer a ela que no cemitério antes do sepultamento ela poderia abrir o caixão para que pudesse se despedir da amiga. A mãe concorda, volto a falar com Ingrid para que ela possa se tranquilizar aomenos um pouco. Ela sai. Vai para casa, que é muito próxima, um pequeno quadrado abandonado cercado por paredes ruindo e com

um tecido feito porta.

Vou pra rua. Lá encontro vários moradores junto de Ingrid soltando fogos, como uma maneira de aliviar a tensão de tudo que está acontecendo e de mostrar de alguma forma que algo que estronda está acontecendo, que algo que é uma explosão de vida está acontecendo.

Os fogos tentam chamar a atenção da cidade para o fato de Danila morreu. A cidade não para pra ninguém. A cidade não para e ninguém tem ouvidos para ouvir o último canto dessa mulher que morreu. A cidade nunca para suas atividades seja qual for a nobreza do evento. Os amigos de Danila sabem disso e tentam desesperadamente chamar a atenção para sua dor, mas a cidade está inerte a essa e tantas outras dores, seja de quem for.

Danila está expressa, representada estrondosamente através dos fogos de artifício, uma, duas três vezes... e depois cessa com os barulhos dos motores e suas dores. Depois dos fogos, volto para o interior da Pastoral, enquanto esse fe-

nômeno se dá no Beco do Candeeiro, houve preces e orações para Danila, mãos que se estenderam sobre seu corpo a pedir por ela. Samara uma das amigas que esteve presente durante um bom tempo junto de Danila foi para casa, a mesma “casa” descrita anteriormente. Ingrid tenta arrumar uma caixa de som e percebo a sua intenção. Me coloco imediatamente em função dela.

Primeiramente tentamos com um morador que traz consigo uma caixa. Como não o conheço, começo a chama-lo de DJ. Pergunto se ele poderia emprestar o som, digo que eu posso me responsabilizar mas ele não confia. Há toda uma troca de informações entre várias pessoas sobre o *pen drive*,

As amigas de Danila trouxeram suas coisas para estarem junto dela pela última vez, cobriram o caixão com seu cobertor verde e choraram sua partida.



o som e quem vai liberar a caixinha para a performance, a música a ser tocada.

Nesse ínterim, entre conversas atravessadas e “corres”, por conta da resistência de DJ a emprestar a caixinha, ou também a chamada “embascação”, Ingrid joga a caixa de som do DJ no chão, mas em direção a ele, eu corro pra pegar a caixa, saber se não estragou e devolver ao DJ como forma de preservar a paz instável característica do rolê da rua. Como Ingrid jogou a caixa na direção dele, ele chegou até o objeto mais rápido que eu. Continuei andando até ele e pedi desculpas, ainda tentei “aliviar” para Ingrid, dizendo: “ela tá pilhada, fica gelo”.

Ingrid vai até à sua casa, que entendo que é também a casa de Samara e era a casa de Danila. Lá ela tenta conseguir uma caixa de som. Se demora lá dentro, fico receosa de que ela não volte ou de que decline de fazer a homenagem à Danila e chamo ela do lado de fora sem nem mesmo tocar o tecido que cobre a porta de entrada, para que não se sinta invadida. Ela fala que vai pegar o som. Samara sai de dentro da casa

já vestida, mas Ingrid ficou na casa. Samara desce para a rua em busca de *crack*. Volto para a parte de dentro da pastoral. Fico um tempo e volto para a rua.

Desta vez encontro Ingrid e pergunto: e aí você vai dançar um *funk* pra Danila? Ela fala que sim, vai pegar a caixa de som e volta para a casa. Samara está na rua junto com alguns homens. Eu fico na “produção”, entre ajudar a focar o trabalho, fazer um ensaio na rua e segurar o caixa para Ingrid e Samara.

Ingrid com a caixa começa a procurar a música, vai passando e escutando partes, selecionando. Samara escuta também e vai intervindo dizendo “essanão, essa não...” Ingrid é paciente e está concentrada em achar a música que represente uma vivência junto da amiga. Uma música que dançaram juntas e que traga mais uma vez, ela sabe, o sentimento de uma Danila que não mais vive.

Ingrid consegue escolhe as músicas, eu falo “então vamos?” Elas dizem “espera, a

gente precisa *dar um tapa*” e falo “não é melhor depois?” Ingrid me explica: “não, é assim que a gente fazia”, ou seja é preciso cumprir o ritual tal qual ele era vivido pelas três amigas. Eu não tenho mais nada a dizer. Digo apenas “tudo bem, vou esperar”. Me coloco a disposição “ficando na minha” e aguardando.

Elas se viram se afastam uns passos e fumam. Eu estou com o som, sinto o cheiro do *crack*. Espero elas estarem a fim de dançar. Ingrid volta até mim e coloca o som, eu fico segurando enquanto elas se posicionam, Ingrid fala “eu fico aqui e você fica aí, o meio é da Danila”. E dançam na rua fazendo uma espécie de ensaio. Um espaço entre elas para a amiga morta o ritual está prestes a acontecer. O ensaio acontece na calçada do Beco. Na parede entre as duas a palavra VIDA, que faz parte de uma pichação: *vida loka*. Escrita comum para falar da vida em suas dimensões tão extremas que é a vida que se leva na rua.

O ensaio acontece ali, na calçada, com a produção feita por duas meninas que arrancaram forças criativas da dor para fazer por uma amiga um gesto de arte, a vida acontecer em meio à morte e à violência, uma homenagem com o corpo. Samara usava um batom rosa forte. Rosa era a cor predileta de Danila. Ambas usavam um boné branco como parte do figurino. O cachimbo e o isqueiro nas mãos e o corpo que dança, o corpo como forma de arte, como condição de possibilidade de expressar o luto, de prestar o adeus a uma companheira de vida. O *funk* como forma de lembrar a memória de Danila, como maneira de dançar em vida, de dançar em morte.

Quando dançaram na rua, Ingrid e Samara guardaram o lugar de Danila, isso é o mais importante de toda a cena e de tudo

que foi vivido ali. Ela, Danila, estava ali conosco, entre Ingrid e Samara e mais, ela estava ENTRE nós (PASSOS, 2010).

Esse **entre nós** que elas tão bem souberam expressar ninguém mais soube, porque sua ausência realmente causava dor e a maneira de dizer dessa dor era invocar na presença do corpo de Danila a sua presença viva. Esse **entre nós** estava também entre ninguém mais se importar com o que estava acontecendo e esse **entre um tempo que teve que parar para estar entre nós** alguém que absolutamente não haveria de importar. Essa pessoa, a Danila, esteve entre uma vida na rua que ninguém soube ver nem ouvir, nem ser capaz de não se deixar morrer.

Quando dançaram na rua, Ingrid e Samara guardaram o lugar de Danila, isso é o mais importante de toda a cena e de tudo que foi vivido ali.

Por que entre estar com essas pessoas e estar junto delas e partilhar de seus mundos não foi capaz de preservar a presença? Essa ausência havia já sido anunciada e essa ausência estava como corpo antes e por que não foi sentida como uma dor? Por que essa ausência anunciada não teve um significado antes de se tornar uma dor revelada na partida? Esse estar entre um e outro me faz refletir: ela estava entre nós efetivamente, e por que não fomos capazes de evitar que sua ausência por suicídio fosse pressentida? Por que duvidamos disso? Por que insistimos em achar que viveria Danila? Quando nós nem sequer um mínimo de dor que ela aturava sentíamos, sabemos que pensaríamos na mesma alternativa e que provavelmente nas mesmas condições faríamos o mesmo.

Por que não pensamos assim em relação a quem vive na rua? Se nossa vida é doída, imagina quem nessas condições não encontra nada, nem abrigo, nem possibilidade de vida, por que achar que essas pessoas aguentarão, quando sabemos que

nós mesmos não aguentaríamos?

Ingrid e Samara disseram bem, ela está entre nós, mas num entre que é ausência. Ingrid e Samara dançaram na ausência de Danila, com seu caixão por entre as duas e Danila ali imóvel, como vencida, não por doença mas sim por não ter condições de continuar com a vida.

Pouco sabemos da vida dessas mulheres (BORGES, 2018). Pouco pudemos intervir ou garantir direitos dentro do sistema patriarcal, onde o gênero feminino é em quase sua totalidade ignorado enquanto potência de vida e muito mais pensado e feito objeto de uso ou força de trabalho. Ingrid, Samara e Danila fogem a esses costumes. Fogem ao que está posto enquanto disciplina do corpo ao que está posto enquanto espiritualidade. Depois do ensaio retratado na fotografia de Emanuele Daiane, fomos para o interior da Pastoral onde Ingrid e Samara dançaram para Danila e de igual maneira, ambas se posicionaram uma de cada lado do caixão e dançaram *funk*, como mencionado anteriormente. A homenagem à sua amiga havia sido feita. Saíram e mesmo a caixa de som ficou pra traz. Fui até elas para devolver e agradecer.

Ainda fiquei mais um tempo junto dos familiares e amigos. Fui-me embora e elas ficaram no Beco com parte dos moradores, queriam acompanhar Danila até o cemitério e várias pessoas que ajudaram a viabilizar o enterro de Danila. Caminhei pela praça pensando nas vezes que vi Danila transitando pelo território, atravessada de um sentimento sem nome, sem descrição segui para trabalhar, em meio ao ruído dos carros e da cidade barulhenta com seus muitos compromissos.

Referências

LOPERS, Eliete Borges. MULHER MORADORA DE RUA: história de vida de Cheirosa In PEREIRA, Lisani da Conceição Patrocínio Pereira (Orgs. et ali) Mulheres, Territórios e Identidades: Despatriarcalizando e descolonizando conceitos. Curitiba-PR: EdCRV, 2018.

FREIRE. Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo: Autores associados, Cortez, 1989.

PASSOS, Luiz Augusto. Cultura: Flecha humana e cósmica que aponta o caminho para os sentidos. In: GRANDO, Beleni Salette. PASSOS, Luiz Augusto (Orgs). O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola Cuiabá: EdUFMT, 2010.

